



SOPHIE
IRWIN

MANUAL

PARA DAMAS
(MAL)
COMPORTADAS



*Para Freya
(o componente alcohólico de nossos coquetéis)*

“Obrigada a ser prudente na juventude, aprendera a ser romântica ao ficar mais velha – uma sequência natural de um começo pouco natural.”

– *Persuasão*, Jane Austen



CAPÍTULO 1

Harefield Hall, 1819

– Vamos lá, Eliza! Você não consegue derramar uma lágrima? – sussurrou a Sra. Balfour para a filha. – É o que se espera de uma viúva!

Eliza assentiu, porém seus olhos estavam mais secos do que nunca. Embora tivesse interpretado os papéis de filha obediente e de esposa prestimosa por muito tempo, o choro por encomenda ainda estava fora de seu alcance.

– Lembre que talvez ainda tenhamos que entrar numa briga hoje – cochichou a Sra. Balfour, lançando um olhar firme para o outro lado da biblioteca, onde estavam os parentes do falecido conde de Somerset.

Nove meses depois do cortejo fúnebre, todos tinham voltado a se reunir em Harefield Hall para a leitura do testamento. E, pelos olhares glaciais que as duas receberam, aparentemente a Sra. Balfour não era a única que estava se preparando para uma batalha.

– O pacto nupcial de Eliza estabelecia a quantia de 500 libras por ano – sussurrou o Sr. Balfour para tranquilizar a esposa. – Somerset não tem motivo para contestá-lo. É uma parte insignificante de sua fortuna.

O homem disse aquilo com certa amargura, pois nem ele nem a Sra. Balfour tinham aceitado completamente a drástica mudança de situação de Eliza. Dez anos antes, o casamento da tímida Srta. Eliza Balfour, de 17 anos, com o austero conde de Somerset, 25 anos mais velho do que ela, tinha sido o evento da temporada. Na época, os Balfours foram regiamente beneficiados. Um ano depois da união, o filho mais velho deles se casou com uma herdeira e o segundo garantiu o posto de capitão no décimo regimento de infantaria. A Casa Balfour, por sua vez, ganhou novos carpetes de veludo cotelê.

O que ninguém esperava era que o conde, que gozava de boa saúde, sucumbisse tão depressa a uma infecção nos pulmões desenvolvida na primavera anterior. Viúva aos 27 anos e sem um filho para herdar o título, a situação de Eliza não era das melhores. Quinhentas libras por ano... Era possível viver com muito menos – como muita gente conseguia –, mas Eliza concordava com o pai nesse aspecto. Dez anos de casamento com um homem que demonstrava mais afeto por seus cavalos do que por sua esposa. Dez anos de quase total isolamento entre as paredes frias e pouco acolhedoras de Harefield Hall. Dez anos sonhando com a vida que poderia ter levado se as circunstâncias fossem um pouco diferentes... Considerando tudo aquilo de que Eliza tinha sido obrigada a abrir mão – a pessoa de *quem* ela fora obrigada a abrir mão –, 500 libras anuais eram uma ninharia.

– Se ao menos ela tivesse conseguido dar um filho ao conde... – lamentou o Sr. Balfour, talvez pela quinta vez.

– Ela *tentou!* – retrucou a Sra. Balfour.

Eliza mordeu a língua com força. Sua prima, a Srta. Margaret Balfour, apertou a mão dela por debaixo da mesa. O relógio marcou meio-dia e meia. Já fazia meia hora que estavam esperando pelo novo conde para iniciar a leitura do testamento. Toda aquela demora fez Eliza sentir um frio na barriga. Com certeza – *com toda a certeza* – ele chegaria em breve.

– Que falta de consideração! – resmungou a Sra. Balfour, com o rosto ainda congelado numa expressão serena e sorridente. – Não bastando estar nove meses atrasado, decidiu se atrasar hoje também. Não é uma falta de respeito, Eliza?

– É, mamãe – respondeu Eliza, de forma automática.

Era sempre mais fácil concordar, embora a demora atípica na leitura do testamento fosse culpa do velho conde, e não do novo. Foi o velho conde quem estipulou que o testamento só poderia ser lido quando todas as partes interessadas estivessem presentes. O novo conde de Somerset, sobrinho do marido de Eliza e herdeiro presuntivo, era antes conhecido como Capitão Courtney. O jovem ocupava um posto na Companhia Holandesa das Índias Ocidentais quando seu tio faleceu, em abril do ano anterior. Em 1818, a navegação enfrentava condições particularmente desafiadoras, o que justificava o atraso em seu retorno. Era torturante, mas compreensível.

Todas as pessoas presentes na biblioteca aguardavam aquele momento havia muitos meses, por isso o atraso já começava a pesar: a ilustre Sra. Courtenay (cunhada do velho conde, mãe do novo) olhava fixamente para a porta; sua filha, lady Selwyn, tamborilava com impaciência na mesa; enquanto isso, lorde Selwyn procurava se acalmar brindando a todos com histórias que destacavam sua superioridade.

– E então eu disse a ele: Byron, meu caro, você *precisa* escrever esse livro!

Ao lado de lorde Selwyn, no centro da sala, o Sr. Walcot, advogado de Somerset, remexia em alguns documentos com um sorrisinho doloroso. Todos estavam apreensivos, mas, certamente, ninguém mais do que Eliza. A cada tique-taque do relógio de parede, a jovem viúva sentia que seu nervosismo atingia níveis perigosos. Depois de dez anos – dez longos anos! – ela finalmente o veria de novo. Era surreal.

Talvez ele não aparecesse. Uma vida inteira de decepções ensinara a Eliza a virtude de estar sempre preparada para o pior: talvez ele tivesse confundido a data; talvez sua carruagem tivesse sofrido um terrível acidente; talvez ele tivesse decidido retornar às Índias Ocidentais para não ser obrigado a vê-la novamente. Aquele atraso não era característico dele, que sempre foi tão pontual. Bom, o cavalheiro que Eliza havia conhecido no passado costumava ser pontual. Talvez ele tivesse mudado.

Quando, por fim, o relógio marcou uma hora da tarde, a porta se abriu.

– O honorável conde de Somerset – anunciou Perkins, o mordomo.

– Minhas sinceras desculpas pelo atraso! – disse o novo lorde Somerset, ao entrar na biblioteca. – A chuva deixou as estradas em péssimas condições.

A reação de Eliza foi instantânea. O coração acelerou, a respiração tornou-se ofegante. Com um nó no estômago, levantou-se – não por educação, mas porque a força do reconhecimento que atravessou seu corpo a obrigou. Tantos meses imaginando como seria aquele momento e ela ainda não estava preparada para enfrentá-lo.

– Oliver, querido!

Com olhos reluzentes, a Sra. Courtenay correu para abraçar o filho, seguida de lady Selwyn.

Somerset abraçou a mãe e a irmã, uma de cada vez. A Sra. Balfour estalou a língua, demonstrando sua desaprovação a tamanho desrespeito à etiqueta – sua filha deveria ter sido a primeira a ser cumprimentada –, mas Eliza não

deu a menor importância ao fato. Em muitos aspectos, ele parecia o mesmo. Era bem alto, tinha cabelos bem claros e olhos do mesmo tom acinzentado do resto da família. Demonstrava o temperamento confiante e sereno de sempre. Como consequência de uma década dedicada à carreira naval, porém, seus ombros estavam bem mais largos do que na juventude e sua pele branca havia sido bronzeada pelo sol. Aquelas mudanças caíam muito bem nele.

Somerset soltou as mãos da irmã e voltou-se na direção de Eliza. De repente, a jovem viúva deu-se conta de que os anos não tinham sido tão bondosos com ela. De estatura baixa, cabelos castanhos e olhos extraordinariamente grandes e escuros, Eliza sempre se assemelhara a um animalzinho assustado. Porém, naquele momento – vestida de preto, de luto e abatida pela incerteza dos últimos meses –, ela temia estar parecendo um camundongo.

– Lady Somerset – disse o novo conde, curvando-se diante dela.

Sua voz também ainda era a mesma.

– Meu senhor – cumprimentou Eliza.

Ela sentiu as mãos trêmulas e as prendeu entre as saias enquanto fazia uma mesura hesitante, preparando-se para encará-lo. O que será que veria neles? Raiva, talvez? Recriminação? Não ousava esperar que houvesse algum sinal de carinho. Ela não merecia.

Os dois se levantaram ao mesmo tempo e, finalmente, depois de um longo momento, seus olhares se encontraram. E nos olhos dele... ela não viu nada.

– Sinto muito por sua perda – disse Somerset.

Suas palavras eram educadas, neutras. A expressão em seu rosto só poderia ser descrita como a de alguém gentil.

– O-obrigada – respondeu Eliza. – Espero que sua viagem tenha sido agradável.

As gentilezas saltavam da boca de Eliza sem que ela precisasse pensar. Isso era bom, porque, naquele momento, se via incapaz de raciocinar.

– Satisfatória, considerando o mau tempo – respondeu ele.

Nem em seus gestos nem em seu tom de voz havia qualquer evidência de que ele compartilhasse da mesma agitação que afetava Eliza. Na verdade, ele não parecia nada impactado por aquele encontro. Era como se os dois nunca tivessem se visto na vida.

Como se ele jamais tivesse pedido a mão dela em casamento.

– Sim... – Eliza ouviu a própria voz como se estivesse muito longe dali.
– A chuva... tem sido muito cruel.

– De fato – concordou ele, dando um sorriso.

Mas não era um sorriso que ela já tivesse visto antes. Era educado. Formal. Forçado.

– Que bom rever você, meu caro. De verdade!

Selwyn deu um passo adiante, estendendo a mão para o capitão. Somerset o cumprimentou com um sorriso, que repentinamente se tornou caloroso. Depois, foi para o centro da sala, afastando-se dos Balfours e deixando Eliza para trás, olhando para ele.

Então ia ser assim? Depois de todos aqueles anos de separação, que Eliza havia passado se perguntando qual seria o paradeiro dele, se estava feliz; de todo o tempo em que ela reviveu cada lembrança do que os dois haviam compartilhado; de todas as horas que ela gastou lamentando cada um dos eventos que conspiraram para separá-los. Ia ser assim o reencontro, resumido a uma rápida troca de frases monossilábicas e clichês?

Eliza estremeceu. O frio de janeiro havia deixado o ar mais fresco a manhã toda, mas a ordem para deixar as lareiras apagadas até o anoitecer dada por seu falecido marido havia sobrevivido à partida dele. Eliza se sentia gelada por dentro. Apesar de passar uma década inteira literalmente separado dela por um oceano, Oliver – *Somerset* – nunca havia lhe parecido tão distante quanto naquele momento.

– Vamos começar? – sugeriu Selwyn.

Mesmo antes de Selwyn se casar com a sobrinha do falecido conde, ele e Somerset já eram grandes amigos, pois suas terras eram coladas uma à outra. Mas pela mesma razão o relacionamento dos dois também enfrentou altos e baixos. Na realidade, a última reunião de negócios entre eles antes da morte do velho conde terminara em uma briga feia o bastante para ser ouvida pela casa toda. No entanto, considerando seu semblante ansioso, Selwyn ainda tinha a esperança de receber uma grande parte da herança.

Assentindo, o Sr. Walcot começou a espalhar os documentos diante de si, enquanto os Balfours, os Selwyns e os Courtenays, sentados em seus respectivos lados da sala, observavam tudo com olhos vorazes e famintos. A cena daria um quadro dramático – uma pintura a óleo com muita cor, talvez. Eliza mexeu os dedos como se buscasse um pincel imaginário.

– Este é o testamento de Julius Edward Courtenay, décimo conde de Somerset...

A atenção de Eliza minguou quando o Sr. Walcot começou a listar os muitos motivos pelos quais o novo conde estava prestes a se tornar um homem incalculavelmente rico. A Sra. Courtenay parecia prestes a chorar de alegria, enquanto lady Selwyn reprimia um sorriso com certa dificuldade. Somerset, por outro lado, estava carrancudo. Teria ele ficado assustado, talvez até mesmo surpreso, com o tamanho do tesouro? Certamente não deveria. Apesar da austeridade do falecido conde, Harefield Hall era um verdadeiro santuário da prosperidade familiar: das paredes cobertas de chifres, peles e troféus de caça aos requintados jogos de chá de porcelana; do desfile de elmos persas e espadas indianas dispostos ao longo da grande escadaria até as paisagens pintadas a óleo representando plantações de cana-de-açúcar que pertenceram ao clã no passado, Harefield ostentava sua riqueza com orgulho. E, depois de algumas sentenças curtas, o novo conde de Somerset seria o dono de tudo aquilo, tornando-se um dos homens mais ricos e cobiçados da Inglaterra. A partir daquele momento, todas as damas solteiras inglesas cairiam a seus pés.

Enquanto isso, Eliza... Bem, ela poderia permanecer em Harefield e bancar a anfitriã do novo conde até que ele se casasse; se mudar para a Casa da Viúva, nos limites da propriedade; ou voltar para a casa de sua família. Nenhuma daquelas opções era empolgante. Voltar a Balfour para viver sob o olhar atento dos pais mais uma vez seria terrível. Mas como ela poderia permanecer ali, tão próxima de um homem que obviamente não sentia mais nada por ela, enquanto ela havia passado uma década inteira ansiando por sua presença? Seria outro tipo de tortura.

– Para Eliza Eunice Courtenay, a honorável condessa de Somerset...

Eliza não recobrou a atenção nem mesmo ao ouvir seu nome. Contudo, a maneira como o Sr. Balfour se recostou na cadeira, com os bigodes relaxados, confirmou que tudo o que o Sr. Walcot havia relatado seguia o pacto nupcial. Seu futuro estava garantido. Na cabeça de Eliza, porém, os anos seguintes se fariam cinzentos e desinteressantes.

– Além disso, em respeito à sua lealdade e obediência...

Que deprimente ser descrita naqueles termos, como se fosse um cão fiel! Entretanto, sua mãe ficou visivelmente animada, com os olhos reluzindo

de ganância, esperançosa de que o velho conde tivesse legado a Eliza algo mais – uma joia cara de sua coleção, talvez.

– ... sob a condição de que ela não traga nenhuma desonra ao nome Somerset...

Era típico de seu falecido marido anexar uma cláusula de moralidade a qualquer pequena herança que ele considerasse apropriada. Mesquinho até o fim!

– ... todas as minhas propriedades em Chepstow, Chawley e Highbridge, para seu uso absoluto.

Aquilo chamou subitamente a atenção de Eliza. *O que* o Sr. Walcot havia acabado de dizer?

De um instante para o outro, o ambiente, até então silencioso, tornou-se muito barulhento.

– Poderia repetir o que acabou de dizer, Sr. Walcot? Devo ter escutado mal! – sentenciou Selwyn, com a voz retumbante, dando um passo à frente.

– Sim, por favor, Sr. Walcot. Não tenho certeza de que isso esteja correto!
– A voz da Sra. Courtenay soou aguda e penetrante quando ela se levantou da cadeira.

O Sr. Balfour também ficou de pé, estendendo a mão diante de si como se exigisse fazer ele mesmo a leitura do documento.

– Para Eliza Eunice Courtenay – repetiu o Sr. Walcot, obediente –, em respeito à sua lealdade e obediência... sob a condição de que ela não traga nenhuma desonra ao nome Somerset... eu deixo todas as minhas propriedades em Chepstow, Chawley e Highbridge, para seu uso absoluto.

– Que absurdo! – Selwyn não conseguia aceitar a realidade. – Julius me disse que pretendia deixar essas terras para Tarquin, nosso filho mais novo.

– Foi o que ele me disse também! – insistiu lady Selwyn. – Ele me *prometeu*.

– O que deveria caber a lady Somerset foi definido no pacto nupcial, não? – acrescentou a Sra. Courtenay. – Não havia nenhuma menção a isso!

– As terras de Somerset não estão todas vinculadas ao título? – perguntou Margaret, intrigada, antes de ser silenciada de forma espalhafatosa pela Sra. Balfour.

– Se esse é o desejo do falecido conde, se está no testamento, então não

pode haver questionamento – insistiu o Sr. Balfour, dirigindo-se aos demais presentes na sala.

Pareciam ter se esquecido completamente de que Eliza também estava ali.

– As propriedades de Chepstow, Chawley e Highbridge foram herdadas pelo conde por meio da linhagem materna, portanto, eram dele para fazer o que bem entendesse – disse o Sr. Walcot, com calma.

– Que absurdo! – bradou Selwyn, mais uma vez. – Não pode ser o documento correto!

– Garanto ao senhor que é – afirmou o Sr. Walcot.

– E eu estou dizendo que é o documento errado! – insistiu Selwyn, exaltado e agora sem nenhuma pretensão de soar simpático. – Eu vi o documento antes, e ele designava Tarquin como seu herdeiro!

– De fato – concordou o Sr. Walcot. – Mas o falecido conde me instruiu a corrigir esta linha quinze dias antes de sua morte.

O rosto de Selwyn passou de avermelhado a branco.

– A briga – sussurrou lady Selwyn.

– Discutimos por conta de um empréstimo... Era apenas uma questão de negócios – suspirou Selwyn. – Ele não podia... Ele não teria...

Ah, então tinha sido *aquele* o motivo da discussão: Selwyn havia pedido um empréstimo. Eliza poderia tê-lo advertido quanto a tamanha tolice. Ele devia estar desesperado, pois decerto sabia que o falecido conde, incuravelmente frugal e orgulhoso em excesso, considerava o auge da impertinência qualquer apelo a seu bolso.

– Garanto-lhe que o falecido conde foi bem claro em relação a esse assunto... e a todos os outros – afirmou o Sr. Walcot, tranquilamente. – As terras vão para lady Somerset.

Selwyn voltou-se para Eliza.

– Que palavras venenosas você andou sussurrando no ouvido dele? – disparou o homem.

– Como o senhor *ousa*...? – A Sra. Balfour estava indignada.

– Selwyn! – A voz de Somerset soou fria e reprovadora.

Selwyn deu um passo para trás, afastando-se de Eliza.

– Peço desculpas... Não tive a intenção... Foi um lapso de comportamento lamentável...

Lady Selwyn não se intimidou.

– E quanto à cláusula de moralidade? Meu tio deu alguma explicação? Alguma indicação do tipo de comportamento a que estava se referindo?

– Não vejo a relevância disso – disse a Sra. Balfour. – A reputação de minha filha é irrepreensível.

– Se meu tio achou apropriado incluir essa cláusula no testamento, deve ser algo bastante relevante, Sra. Balfour – disse lady Selwyn, incisiva.

– Não queremos parecer desrespeitosos – interrompeu a Sra. Courtenay. – Lady Somerset sabe que gostamos muito dela.

Lady Somerset *certamente* não sabia disso.

– A única especificação que o falecido conde fez foi que a interpretação da cláusula ficará a critério do décimo primeiro conde de Somerset e de mais ninguém – explicou Walcot.

Selwyn, lady Selwyn e a Sra. Courtenay abriram a boca para discutir, mas Somerset interrompeu.

– Se esse era o desejo de meu tio, não vejo problemas – disse o novo conde, com a voz firme.

– Claro, claro... – retrucou Selwyn, recuperando o tom cordial. – Mas, meu caro, acho que caberia a nós discutir que tipo de comportamento constituiria...

– Discordo – disse Somerset, tranquilo e confiante, sem parecer minimamente incomodado com os olhares de sua família. – E, a menos que lady Somerset tenha mudado muito desde a última vez que estive em solo britânico, ela é incapaz de se comportar de forma minimamente repreensível.

Eliza baixou os olhos, corando. Embora a convicção de Somerset fosse admirável, no passado ele havia lamentado o contrário.

– Exatamente – concordou a Sra. Balfour, satisfeita.

– Entretanto, dada a natureza incomum dessa cláusula – prosseguiu Somerset –, acho que isso não deve sair daqui. Afinal, nenhum de nós gostaria de dar margem a falatórios.

Houve acenos de concordância em toda a sala – os Balfours estavam entusiasmados, e os Selwyns, relutantes. A Sra. Courtenay parecia prestes a chorar novamente.

Houve uma longa pausa.

– Quanto as propriedades rendem anualmente? – perguntou Selwyn.

O Sr. Walcot fez uma breve consulta a suas anotações.

– Em média – disse ele –, rendem um pouco mais de nove mil libras por ano. Contando com o que foi acordado no pacto nupcial, soma uma renda anual de dez mil libras.

Dez mil libras por ano.

Dez *mil* libras. Todo ano.

Ela estava rica.

Ela estava *muito* rica.

Mais rica do que lady Oxford ou lady Pelham, as célebres herdeiras, os diamantes de suas respectivas temporadas. Mais rica do que muitos lordes de Whitehall. Seria mesmo verdade? O marido nunca dera qualquer indicação de que Eliza fosse algo além de uma eterna decepção para ele. Ela era inferior à primeira esposa do falecido em todos os sentidos e igualmente incapaz de lhe dar um filho. E, de repente, o despeito – seu descontentamento com o comportamento de Selwyn – o levava a mostrar a Eliza uma generosidade que ela nunca havia encontrado na vida até então. Dez mil libras por ano. Ele havia transformado Eliza numa mulher muito rica.

Ela sentiu que o fio que a conectava com a normalidade tinha acabado de ser rompido e que ela estava girando cada vez mais para longe. Não teria sido capaz de repetir nada do que foi dito durante o restante da leitura. Apenas atestou sua conclusão quando todos começaram a se levantar e ela, mecanicamente, fez o mesmo. A frase “dez mil libras por ano” ecoava em sua mente, impedindo-a de pensar em qualquer outra coisa.

– Dez mil libras! – sussurrou Margaret em seu ouvido, animadíssima, enquanto todos saíam da biblioteca. – Você entende o que isso significa?

Eliza mexeu a cabeça, sem saber exatamente se assentia ou negava.

– Isso muda *tudo*, Eliza!



CAPÍTULO 2

Na tarde seguinte, Eliza estava parada nos degraus da entrada de Harefield, preparando-se para se despedir de seus convidados. Permaneceria na casa apenas Margaret, que trabalhava como dama de companhia de Eliza desde a morte do conde e continuaria no posto por mais quinze dias. Eliza mal podia esperar que Harefield fosse só delas novamente. Ouviu os pais se aproximarem antes mesmo de vê-los: o Sr. Balfour rosnava ordens para os lacaios e a Sra. Balfour repreendia as criadas. Quando os dois passaram pelas portas de carvalho, ela respirou fundo.

– Você consegue! – sussurrou Margaret em seu ouvido.

Nas horas que se seguiram à leitura do testamento, havia ficado claro que o Sr. Balfour esperava administrar a nova fortuna da filha. Aquela seria a última chance de Eliza afastar tal ideia.

– Veremos você em algumas semanas – disse a Sra. Balfour.

– Não demore! As condições das estradas só vão piorar – instruiu o Sr. Balfour.

– Eu andei pensando... – Eliza começou a dizer, hesitante.

– Até lá, todas as suas questões financeiras estarão resolvidas – disse a Sra. Balfour. – Não é, meu marido?

– Sim, já falei com o Sr. Walcot.

Como o gesto de despedida mais sincero que o Sr. Balfour seria capaz de fazer, ele deu um aceno de cabeça ríspido para Eliza e desapareceu escada abaixo, deixando-a com a mãe – o mais ameaçador dos oponentes.

– Andei pensando que talvez... – ensaiou Eliza.

– Achamos melhor você nomear o filho de Hector como seu herdeiro – disse a Sra. Balfour, com firmeza.

Hector era o irmão mais novo de Eliza.

– Não sei se...

– Acho que Rupert seria o maior beneficiado. – A voz da Sra. Balfour engoliu a de Eliza.

De todos os pestinhas insolentes dos filhos de seu irmão, Rupert era o pior.

– Eu acho que preferia...

– O Sr. Balfour pode organizar os documentos assim que você voltar para casa. – A Sra. Balfour afagou o rosto de Eliza como se estivesse encerrando a conversa.

Não são seus bens!, Eliza poderia ter dito à mãe se fosse mais corajosa. *A fortuna não é sua para gastar, distribuir ou tirar de mim!*

– Está bem, mamãe – concordou Eliza, com um sorriso derrotado.

– Está decidido, então. Adeus! Nós nos veremos em breve. E lembre-se, querida: você ainda é uma condessa. Não permita que os Selwyns passem por cima de você.

A ironia do conselho da Sra. Balfour não passou despercebida a Eliza – nem a Margaret, que mal conseguiu conter a gargalhada. Depois daquela instrução final, a Sra. Balfour foi embora.

– Sei que ela é sua mãe e minha tia – comentou Margaret, enquanto ela e Eliza observavam a Sra. Balfour subir na carruagem –, mas se eu a visse tentando se equilibrar na beira de um penhasco... talvez prestes a cair no mar... hesitaria por um momento. Não a empurraria, mas sem dúvida hesitaria.

Ao contrário de Eliza, Margaret costumava dizer exatamente o que estava pensando e no momento em que as palavras lhe ocorriam. Sua família acreditava que era por isso que ela nunca tinha se casado.

Eliza agradecia pelo fato de a Sra. Balfour não conseguir mais escutá-las quando uma tosse discreta fez as duas se virarem. Somerset havia aparecido na entrada e, considerando sua expressão bem-humorada, provavelmente tinha ouvido o comentário nada respeitoso da prima. Eliza corou por Margaret.

– Ah! – disse Margaret, sem demonstrar grande preocupação.

– Vou fingir que não ouvi nada – respondeu Somerset, achando graça.

Quando era mais jovem, ele costumava ter um relacionamento amigável com Margaret e ainda parecia não se importar com seus comentários ácidos.

– Como se você fosse capaz disso... – disse Margaret.

Somerset abriu um sorriso que destoava de seu habitual comportamento introspectivo, assim como o sol brilhava entre pesadas nuvens de chuva. Eliza perdeu o fôlego. Então, o homem se virou para ela e o calor desapareceu com a mesma rapidez com que havia surgido.

– Seu pai me disse que pretende voltar para Balfour, milady – disse ele.

Embora sustentasse o contato visual com ela, Eliza sentia que seu olhar a atravessava.

Olhe para mim!, Eliza queria gritar para Somerset. *Estou aqui, olhe para mim!*

– Sim – respondeu ela, num tom de voz muito baixo. – Pretendo fazer isso.

Damas não gritavam, por maior que fosse a provocação que se apresentasse a elas.

Somerset assentiu, sem que sua expressão revelasse qualquer emoção. Será que estava aliviado? Talvez devesse.

– Se é o que milady deseja – disse ele.

Não era. Não era o que ela desejava. Mas que escolha teria?

– É claro que milady pode escolher qualquer uma das carruagens para viajar – prosseguiu ele. – E, se desejar, pode levar um dos empregados da casa...

– O senhor é muito gentil – disse Eliza.

– Não é nada de mais – respondeu ele, e parecia sincero. Haveria algo mais torturante do que aquela apatia?

– De qualquer maneira, sou muito grata – insistiu Eliza.

Houve uma pausa.

– Não precisa me agradecer – murmurou Somerset. – Não é nada mais do que minha obrigação como chefe da família.

Na realidade, aquela observação era mais torturante do que a apatia. *Obrigação. Família.* As palavras queimavam.

– Adeus, querida lady Somerset! – cantarolou lady Selwyn, fingindo doçura ao cruzar a porta. – Não temos como agradecer à milady sua hospitalidade.

– Adeus, milady!

Atriz menos habilidosa do que a filha, a Sra. Courtenay não sorriu.

– Comporte-se! – recomendou Selwyn, sacudindo o dedo na direção de Eliza. – Afinal, não gostaríamos de tirar essa fortuna de você.

– Selwyn! – Somerset repreendeu-o com veemência.

– Lady Somerset sabe que estou apenas brincando!
– Claro que sabe – concordou lady Selwyn. Ela olhou para Somerset e para Eliza, e sua expressão endureceu. – Somerset, pode me emprestar seu braço para subir na carruagem?

– O braço de seu marido não serve, Augusta? – sugeriu Somerset com gentileza. – Tenho alguns assuntos para discutir com lady Somerset.

Lady Selwyn lançou um olhar fulminante para Eliza, como se aquilo fosse culpa dela, mas recuou com relutância para junto do marido e da mãe.

– Estarei na cidade pelos próximos quinze dias – disse Somerset a Eliza.
– Se precisar de ajuda com alguma coisa, não hesite em me mandar uma mensagem.

Eliza assentiu.

– Tenha um bom dia, lady Somerset. – Ele inclinou a cabeça na direção da mão dela para se despedir.

– Lorde Somerset – saudou Eliza.

Havia algo terrivelmente irônico no fato de os dois terem passado a adotar o mesmo sobrenome. Era uma cruel peça do destino que eles poderiam ter compartilhado se a mãe de Eliza não estivesse tão ansiosa para garantir um título para a filha – e se Eliza não fosse tão fácil de convencer.

Quando Somerset ergueu a cabeça, seus olhares se encontraram. Então a máscara de neutralidade caiu. Talvez ele tivesse baixado a guarda por estar prestes a ir embora; talvez tivesse se surpreendido por encontrar, de súbito, o rosto dela tão próximo do seu. A expressão educada de Somerset tornou-se ardorosa, até mesmo aflita, e sua mão enluvada apertou a dela, descontroladamente. Eliza sentiu, enfim, que tinha sido vista.

Não apenas olhada de relance, como se fosse uma desconhecida sem a menor importância, nem encarada como uma obrigação inconveniente a ser cumprida. Tinha sido *vista*: ela como Eliza, ele como Oliver, duas pessoas que um dia se conheceram profundamente. E, embora o momento não tivesse durado mais de dois segundos – o tempo de três batimentos cardíacos acelerados –, foi como se alguém tivesse enfiado a mão no peito de Eliza e apertado seu coração.

– Somerset! Venha logo, meu caro!

E o momento passou. Somerset soltou a mão de Eliza como se ela o queimasse.

– Adeus, Srta. Balfour! – despediu-se, apressado. – Eu preferia que as circunstâncias tivessem sido mais felizes, mas foi bom revê-las.

Ele desceu rapidamente os degraus da entrada da casa e entrou na carruagem.

– Eu também achei bom – sussurrou Eliza para o vazio que ele deixou. Como sempre, ela se manifestava um pouco tarde demais.

– Vamos entrar? – perguntou Margaret, com a voz baixa e os olhos atentos ao rosto da prima.

Eliza assentiu.

As duas seguiram para a sala no primeiro andar. Com cortinas carcomidas e tapetes de brocado desbotados, era o cômodo menos grandioso de todos, mas o favorito de Eliza, pois na parede havia uma paisagem marinha pintada por seu avô, artista de talento superior e algum renome. A pintura, que retratava um pequeno barco navegando o oceano frio e insondável, havia sido levada para Harefield pela condessa anterior e representava um conforto diário para Eliza. Era uma lembrança duradoura das tardes agradáveis que havia passado com o avô. Aprendera então a pintar, na simplicidade da infância, antes que descessem a bainha de suas saias e lhe prendessem o cabelo, quando Eliza ainda acreditava ingenuamente que podia trilhar o caminho das artes.

– Gostaria de um pouco de chá, milady? – perguntou Perkins.

– Ah, acho que precisamos de algo *bem* mais forte do que chá – declarou Margaret, arrancando a touca de renda e deixando à mostra os cabelos ruivos, e descalçando os sapatos de cetim. – Uma dose de conhaque, por favor!

Perkins nem piscou diante daquele pedido tão pouco condizente com uma dama. Retornou prontamente com uma bandeja e o melhor conhaque do estoque do falecido conde.

– Obrigada! – disse Eliza, e Perkins lhe serviu a dose “adequada a uma dama”.

Ela ia sentir falta dele quando partisse para Balfour.

– Esplêndido! – concordou Margaret.

Porém, assim que Perkins saiu da sala, pegou a garrafa de cristal e encheu generosamente as duas taças.

Acima de tudo, Eliza sentiria falta de Margaret. Os últimos nove meses, período em que havia ficado confinada entre os muros de Harefield cumprindo a fase mais rígida do luto, talvez parecessem intermináveis se

a prima não tivesse sido enviada para lhe fazer companhia. Ter sua amiga mais querida – tão próxima depois de tantos anos de separação – havia sido uma alegria inesperada. Mas agora...

– Devemos brindar nosso iminente retorno ao seio amoroso de nossas famílias? – perguntou Eliza, aceitando a taça.

– Certamente não – reagiu Margaret. – Acho uma péssima ideia.

– Eu sei – disse Eliza, pois a prima já deixara sua opinião bem clara. – Mas não posso ficar aqui, Margaret. Ele foi educadíssimo, mas acho que eu teria preferido a hostilidade a esse sentimento de insignificância.

Eliza não precisava explicar quem era *ele*.

– Já se passaram dez anos – disse Margaret. – Com certeza, você não está mais...

Eliza tomou um gole de conhaque. A bebida queimou sua garganta.

– Sei que é tolice – respondeu Eliza. – Mas quando o vi novamente...

Ela se lembrou da eletricidade que percorreu seu corpo e sua alma no momento em que ele entrou na biblioteca.

– Foi como ser atingida por um raio – explicou Eliza, corando ao se ouvir falar em voz alta de um sentimento tão exagerado.

– Que desagradável! – observou Margaret. – De repente fiquei feliz por nunca ter me apaixonado. Ele parecia o mesmo daqueles tempos?

– Melhor ainda... – respondeu Eliza, melancólica. – Desnecessariamente bonito, na verdade. Ele não poderia ter voltado mais feio?

– Tem certeza de que ele é bonito, e não apenas bem alto? – perguntou Margaret. – Já notei que, às vezes, as duas coisas se confundem.

– Tenho certeza. – Eliza tomou outro gole do conhaque.

– A Casa da Viúva fica meio distante de Harefield – disse Margaret. – Seria fácil evitá-lo. Você acha mesmo que não seria capaz de suportar?

Eliza balançou a cabeça.

– Como viver assim? Desejando compartilhar minha vida com ele, enquanto o vejo seguir em frente, se casar e ter filhos com outra mulher? Não, não consigo.

Eliza estremeceu ao considerar, mais uma vez, que sua alternativa àquele cenário envolvia Balfour e a companhia da mãe.

– Mas só de pensar em voltar a ser atormentada pelos meus pais... eu... tenho vontade de sumir. Não me restam forças para suportar tanto – lamentou.

– Você foi tão infeliz assim nos últimos anos? – perguntou Margaret, baixinho.

Eliza não respondeu. Tinha evitado contar detalhes de seu casamento para Margaret nas cartas semanais e nas visitas esporádicas, para não ser considerada dramática ou mimada. E, honestamente, embora o falecido conde não tivesse sido o marido de sua escolha e ela não apreciasse a vida como condessa de Somerset, aqueles anos não foram totalmente desprovidos de satisfação. Obviamente, em meio a uma vida dedicada a tentar agradar a um homem cuja inclinação natural era desaproveitar tudo e todos, Eliza precisou encontrar pequenos prazeres, alegrias silenciosas. Até o momento em que começou a pensar se não estaria se tornando tão pequena e silenciosa que poderia ser guardada na cristaleira e deixada ali até que fosse necessário enfeitar a mesa novamente.

– Não adianta – disse Eliza, depois de uma pausa. – Voltarei para Balfour. Não tenho escolha.

Ela se sentia uma figura patética e desamparada. Esperava que Margaret dissesse algo reconfortante e fizesse carinho em sua cabeça.

– Acho que você está fazendo tempestade em copo d'água – disparou Margaret, acidamente.

Sem dúvida, não eram as palavras que Eliza tinha em mente.

– Como é?

– Você esqueceu que agora é uma das mulheres mais ricas da Inglaterra?

Margaret endireitou-se na cadeira e apontou para Eliza, que observou com medo os movimentos da prima. Ela estava se aproximando perigosamente de um vaso Ming caríssimo.

– Não, não me esqueci – disse Eliza. – Mas não sei se faz muita diferença, Margaret. Estou tão encurralada quanto antes.

– Se você pretende agir de maneira tão derrotista, em suas mãos essa fortuna é um desperdício – argumentou Margaret, balançando a cabeça.

– E para onde é que você quer que eu vá? – perguntou Eliza.

Achou que Margaret a compreendesse.

– Para qualquer lugar! – retrucou Margaret. – Agora você certamente pode se dar ao luxo de ter a própria casa. Nunca considerou essa possibilidade?

Na verdade, Eliza não havia considerado. A Sra. Balfour costumava dizer que as únicas mulheres que tinham a própria casa sem ser casadas

eram as muito excêntricas, as muito idosas ou ambas. Eliza não era nem uma coisa nem outra.

– Margaret, isso é sério!

– Mas eu estou falando sério – respondeu Margaret.

– E o que eu *faria* da vida? – perguntou Eliza.

– Só o que você quisesse, Eliza! – exclamou Margaret. – Você se tornou realmente tão derrotista que *não quer* mais nada?

– Não quero nada? – repetiu ela, chocada com o tom incisivo de Margaret. – Como assim, *não quero* nada? Margaret, eu quero... o infinito.

– Mesmo? – perguntou Margaret, soando tão ambígua que Eliza começou a perder a paciência.

– *Mesmo* – insistiu ela. – Quero usar vestidos que eu mesma escolher... Estou cansada de andar tão desmazelada. E quero pintar o dia inteiro se for da minha vontade. E *quero* gastar meu dinheiro de forma bem frívola se me der na telha!

Eliza parecia incapaz de conter a enxurrada de palavras que saíam de sua boca.

– Quero acender a lareira durante o dia e ir aonde tiver vontade e, acima de tudo... – Respirou fundo e continuou: – Acima de tudo, Margaret, queria ter me casado com o homem que amo, e não com aquele a que o dever me obrigou. Mas não me casei. E nada vai mudar esse fato. Por isso, perdoe-me se, depois de uma vida inteira tendo todos os meus desejos negados, pareço um tanto derrotista.

Eliza esfregou os olhos, zangada. A Sra. Balfour tinha, enfim, conseguido fazê-la chorar. Mas era tarde demais para lágrimas terem alguma utilidade.

– Muito bem – disse Margaret, depois de um breve silêncio. – Talvez você não possa fazer *tudo* o que deseja, mas em sua casa poderia tentar...

– Nunca permitiriam – interrompeu Eliza. – Sou uma viúva em seu primeiro ano de luto. As regras...

– E-li-za – pronunciou Margaret, estendendo cada sílaba como forma de protesto. – Você não é mais a tímida Srta. Balfour. Você é uma *condessa*. É dona de mais de quatro mil hectares de terra. É mais rica do que toda a nossa família junta. Já não está na hora de quebrar as regras?

Mais uma vez, Eliza se pegou olhando fixamente para Margaret. Nada do que ela dissera estava errado, mas o modo como ela havia enumerado

os fatos para dar a entender que Eliza tinha algum poder... Aquilo não parecia verdade.

– É sua chance de, finalmente, ter a própria vida – insistiu Margaret. – Não suporto ver você desperdiçá-la... Ah, o que eu não daria para ter uma oportunidade como essa!

Margaret inclinou o corpo para a frente, entrelaçando as mãos firmemente diante de si. Por um momento, Eliza desejou que aquela fortuna tivesse sido dada à prima, e não a ela. Margaret, mais corajosa e mais inteligente – e, certamente, mais franca do que Eliza –, aproveitaria ao máximo a oportunidade. A prima também merecia mais da vida do que ser enviada pela família para cuidar de seus vários filhos, sendo negligenciada e destituída de importância – praticamente aprisionada –, tratada como “a última irmã sem marido”. Talvez ninguém dissesse aquilo em voz alta, mas Eliza sabia que a família considerava Margaret um caso perdido, uma solteirona.

O peso de toda aquela injustiça começou a queimar no peito de Eliza, ardendo mais do que o conhaque. No testamento, por ordem do falecido marido, ela havia sido declarada “obediente e leal”. “Incapaz de se comportar de forma minimamente repreensível”, como Somerset dissera a todos naquela sala. Ela sempre tinha sido vista dessa forma. Foi em grande parte por isso que o velho conde a escolheu como esposa, ao encarar a timidez de Eliza como uma prova de sua maleabilidade. E, durante todos os anos de casados, ela nunca dera a ele nenhum motivo para mudar de ideia. Mas talvez Margaret tivesse razão. Talvez aquela fosse sua chance. Talvez fosse a chance *das duas*.

– Eu não conseguiria fazer isso por conta própria – disse Eliza, hesitante. – Morar sozinha não seria nada adequado.

– Ah, a sociedade está repleta de solteironas e viúvas que você poderia convidar para serem sua dama de companhia – disse Margaret, descartando o argumento de uma vez. – Qualquer mulher respeitável serviria. *Eu* faria isso, mas Lavinia está esperando outro filho.

– Lavinia é uma megera – salientou Eliza.

– Mas é uma megera bastante fértil – disse Margaret, fazendo uma ressalva. – Assim que a criança nascer, ela vai me chamar, e minha mãe vai insistir para que eu vá e... será o fim de tudo. Você terá que fazer isso sem mim.

Sem Margaret, a determinação de Eliza cairia por terra em uma semana.
– Para quando está previsto o nascimento da criança? – perguntou Eliza.
– Para meados de abril, se tudo correr bem – disse Margaret, olhando para Eliza, contemplativa. – No entanto... Lavinia não vai precisar de mim até lá.
– E se eu escrevesse para sua mãe e implorasse para ter sua companhia por mais três meses? – indagou Eliza.

– Só até a criança nascer – acrescentou Margaret, com um sorriso se formando nos lábios. – Mais três meses não é um pedido tão fora de propósito.

Um silêncio pairou entre as duas.

– Teríamos que ser muito, *muito* cuidadosas – disse Eliza.

Um sorriso de verdade se abriu no rosto de Margaret.

– Estou falando sério, Margaret – frisou Eliza. – Se os Selwyns farejarem a menor inadequação, vão começar a reivindicar a execução da cláusula moral. Precisamos pensar em um bom motivo para não irmos a Balfour... um motivo que seja aceito por todos.

– Para onde devemos ir? – perguntou Margaret. – Londres?

– Londres... – repetiu Eliza, com melancolia.

Mal havia passado pela metrópole desde sua primeira (e última) temporada. Imaginou como seria se ela e Margaret morassem lá e fossem livres para ver toda forma de arte e quantos museus quisesses. Em maio, haveria a abertura da Exposição de Verão da Academia Real, algo que Eliza não via desde os 17 anos... mas não.

– Enquanto eu estiver de luto, não pode ser Londres – disse Eliza. – Cairíamos em desgraça no mesmo instante.

– Outra cidade, então – sugeriu Margaret. – Uma cidade com entretenimento suficiente para nos ocupar, mesmo que você não possa comparecer a nenhum evento público. Que tal Bath?

Bath. Eliza examinou a sugestão.

– Sim – disse ela, finalmente. – Acredito que lá encontraríamos entretenimento de natureza discreta. Eu poderia dizer que recebi uma prescrição médica para ir a uma estação de águas. Ninguém precisa saber que se trata de uma mentira.

– Vou visitar bibliotecas, assistir a concertos, conhecer pessoas novas e interessantes – disse Margaret, com a voz sonhadora.

– Sim, certamente – disse Eliza. – E eu vou... Eu vou...

A voz de Eliza vacilou, a dúvida se insinuou. Em sua mente, surgiu de repente a expressão de desaprovação da Sra. Balfour, e ela murchou sob o olhar furioso da personagem em sua imaginação. Sua mãe ficaria muito desapontada. Seu pai também. Eliza mordeu o lábio e ergueu os olhos para o quadro do avô, pendurado na parede – aquele pequeno e corajoso barco que despendia um esforço enorme apenas para se manter na superfície. Margaret emitiu um som gentil e encorajador, como alguém faria para acalmar um cavalo assustado, e Eliza respirou fundo, bem fundo.

– Eu vou me transformar... numa dama elegante? – sugeriu Eliza.

– Sim – disse Margaret, sem pestanejar.

– E vou pintar – prosseguiu Eliza, com mais firmeza.

– O dia inteiro, se quiser.

– E... e nunca mais serei obrigada a me casar! – exclamou Eliza, de repente com a garganta seca. – Isso ficou para trás.

Margaret ergueu sua taça bem alto diante da prima.

– Agora sim! Este é um brinde que dá gosto de fazer – disse ela. – A Bath!

CONHEÇA OS LIVROS DE SOPHIE IRWIN

Manual para damas em busca de um marido (rico)

Manual para damas (mal-)comportadas

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

